

Identidade e Rivalidade entre os Torcedores de Futebol da Cidade de São Paulo

Roberto Louzada¹

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Resumo

A partir da descrição das transformações que ocorreram na cidade de São Paulo no final do século XIX e início do XX, encontram-se as condições que contribuíram para que o futebol se desenvolvesse. É nesse ambiente, também, que são encontradas as condições sociais, que permitiram compreender como se constituíram a identidade dos três clubes tomados como objeto de estudo: o *Sport Club Corinthians Paulista*, fundado por operários; a Sociedade Esportiva Palmeiras, criada por operários de origem italiana e o São Paulo Futebol Clube que atraiu com torcedores a elite econômica da cidade. Com isso, a rivalidade entre os seus torcedores se constitui a partir de três características distintas: popular, italianos e elite, que refletem a estrutura social da cidade no momento em que foram fundados. No entanto, a composição das torcidas se modifica e os dois clubes fundados por operários são os que concentram os maiores percentuais de torcedores das classes A e B, enquanto que o identificado como da elite é o que possui os menores percentuais de públicos dessas duas classes.

Palavras-chave: identidade; rivalidade; transformação social; classificação social.

Abstract

With the description of the transformations that occurred in the city of Sao Paulo between the late nineteenth and early twentieth centuries, the conditions that contributed to the football development are found. In this environment, it is also found the social conditions which allowed us to understand how the identity of the three clubs taken as an object of study were formed: the “Sport Club Corinthians Paulista”, founded by workers; the “Sociedade Esportiva Palmeiras”, founded by Italian workers; and “São Paulo Futebol Clube” that was founded by the elite. Therefore, the rivalry between their fans may be summarized in three different features: “ordinary people“, “Italian people” and “elite people”. However, the composition of these fans is modified and the two clubs founded by workers are the ones which concentrate the highest percentage of fans from classes A and B, while the one identified with the elite has the lowest percentage of public from these two classes.

Keywords: identity; rivalry; social transformation; social classes.

¹ Professor do curso de Administração da UNESP – Campus de Jaboticabal, em Regime de Dedicção Integral à Pesquisa e ao Ensino e Coordenador do GESPORT - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Gestão Esportiva.
E-mail: louzada@fcav.unesp.br.

Introdução

Na cidade de São Paulo, de acordo com pesquisa realizada, em 2003, pelo IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa, se encontram três dos maiores clubes brasileiros, quando se considera como critério o número de torcedores: o *Sport Club Corinthians Paulista*, o São Paulo Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras.

São três clubes que possuem admiradores de diversas origens sócio-econômicas, mas são identificados tanto pela mídia como pelos seus torcedores e pelas torcidas adversárias da seguinte forma: o *Sport Club Corinthians Paulista* como o clube popular ou do “povão”; a Sociedade Esportiva Palmeiras como o clube dos italianos e de seus descendentes; e o São Paulo Futebol Clube, como o clube da elite.

Esta constatação, à primeira vista, pode indicar que as identidades atribuídas a essas três agremiações esportivas podem não ter nenhum vínculo com a realidade social de uma cidade que integra a maior metrópole brasileira, com uma população estimada de 10.800.000 e é o centro de uma região metropolitana formada por 39 municípios, com uma população estimada em 19.200.000 habitantes (IBGE, 2008).

No entanto, a pesquisa realizada assumiu como hipótese que estas identidades foram constituídas historicamente e, portanto, devem refletir elementos da realidade social da cidade, na ocasião em que os três clubes foram fundados. Por este motivo, estabeleceu-se como objetivo para esse estudo, descrever o contexto em foram criados as três associações esportivas tomadas como objeto de estudo e, com isso, demonstrar que as suas identidades e a rivalidade, entre os seus torcedores, formaram-se a partir de elementos que, para serem compreendidos, requer uma análise que revele a dinâmica social de um espaço urbano em transformação.

Para atender a este objetivo o trabalho está organizado em quatro partes: na parte um encontram-se as referências utilizadas para analisar as informações coletadas sobre os três

clubes tomados como objeto de estudo; em seguida, em uma seção denominada São Paulo: um espaço urbano em transformação descreve-se o processo de mudança ocorrido, no período em que o futebol foi introduzido na cidade, o que permitiu compreender como se formou um ambiente com as condições favoráveis para o seu desenvolvimento e explicitar a função social atribuída a esse esporte.

Em seguida, por meio de dados históricos, demonstrar-se-á que o futebol, no momento em que é introduzido na cidade de São Paulo, foi incorporado pela elite local, que funda times para que os jovens desse segmento social pudessem atuar como atletas, nas disputas do Campeonato Paulista. Somente em meados da década de 1910, são admitidas equipes formadas por jogadores e com torcedores de outros segmentos sociais. Situação que permanece até 1930, quando ocorre a profissionalização dos atletas desse esporte. Este fato provoca uma mudança significativa no processo de consolidação deste esporte, pois os clubes vinculados à elite encerram as suas atividades com futebol e passam a se dedicar apenas aos esportes amadores. Com isso, explicita-se o contexto que favorece a consolidação dos três clubes tratados nesse estudo e permite, também, encontrar a origem das identidades atribuídas a eles.

Na parte quatro, reflete-se sobre a relação entre as regiões da cidade onde esses clubes escolheram para se instalar. Isto permitiu associar o processo de desenvolvimento urbano da cidade como a identidade atribuída a cada um dos clubes estudados, pois se constata que há um vínculo entre as identidades desses clubes com a história dessas regiões.

Com base neste percurso, nas conclusões, demonstra-se que a rivalidade entre os torcedores dos três clubes, tomados como objeto nesse estudo, se forma a partir de elementos das suas identidades fundadoras. No entanto, as transformações que ocorrem, tanto na cidade de São Paulo como na composição das três torcidas, permitem dizer que as torcidas dos três clubes estudados, apesar de não corresponder mais às identidades fundadoras, continuam a

refletir elementos distintivos da estrutura social de uma cidade que cresceu e se desenvolveu por meio de um processo marcado por uma forte desigualdade social.

1. As referências utilizadas para a análise

Entendeu-se que o futebol da forma como é conhecido e praticado no mundo contemporâneo é um produto da moderna sociedade urbana e industrial, conforme registra Damatta (1994), e que se desenvolve a partir de meados do século XIX (Murray 2000), nos internatos ingleses, onde foi entendido como um componente destinado à formação da elite de dirigente daquele país. No entanto, assim que transpõe os muros escolares, se difunde e conquista adeptos entre os diversos segmentos sociais e, desse modo, passa a desempenhar, também, a função de adaptar o homem à lógica da vida nas cidades e ao modo de trabalho nas fábricas, pois o que caracteriza os esportes surgidos neste período, de acordo com Sevcenko “é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunstância precisa do espaço de ação e a definição de regras fixas [...] os desempenhos são medidos na linguagem abstrata dos números” (Sevcenko, 1994, 33).

Por este motivo, não é mera coincidência que, no período que antecede a primeira guerra mundial, ocorre o grande *boom* tanto nas atividades esportivas como nos processos de racionalização do trabalho, que permitiu a maximização da produção combinada com uma drástica redução de custos.

É, portanto, em um ambiente em transformação que torna possível compreender a função social desempenhada pelo futebol, e pelos demais esportes, no desenvolvimento da moderna sociedade urbana industrial, bem como identificar os elementos constitutivos da rivalidade que se forma entre os admiradores deste esporte.

Além disso, enquanto uma atividade que surge e se desenvolve em um ambiente, no qual ocorre a consolidação das modernas cidades industriais, o futebol assumiu, também, a

função de criar novas identidades e vínculos de solidariedade e as bases emocionais de coesão para, como registra Sevcenko (Sevcenko, 1994,35), “substituir as comunidades e laços de parentescos”, que milhares de pessoas deixaram para trás ao migrarem para os novos e emergentes centros urbanos. Neste sentido, atribui-se ao futebol a capacidade de irmanar estranhos, de fazê-los comungarem ideais, em suma, consolidar gigantescas famílias vestindo as cores dos seus clubes preferidos.

Além disso, o futebol, como todo esporte coletivo, requerer a formação de várias equipes para competir entre si. Assim, ao se identificar com uma determinada equipe o torcedor se opõe aos torcedores das outras equipes. São vários os motivos que levam à formação da rivalidade entre os torcedores, mas há sempre um esquema de oposição que reflete algum aspecto da realidade social. Deste modo, podem ser encontrados alguns pares de oposição que, nos primórdios do futebol inglês, foram expressos nas seguintes oposições: católicos X protestantes; trabalhadores especializados X trabalhadores não-especializados; moradores recentes X moradores antigos; gauleses X irlandeses. Há, ainda, algumas situações nas quais vários destes elementos agem ao mesmo tempo.

Desse modo, a rivalidade entre os torcedores de futebol funda-se basicamente no modo como a diferença entre as identidades clubes é percebida pelas torcidas. É na identificação com um clube que uma pessoa torna-se torcedor e, ao fazer a escolha por um clube, se predispõe a se opor aos diferentes. Formam-se “tribos” com crenças e tradições particulares. Uma olha para outra com desprezo e superioridade (Morato, 2005).

A manifestação do sentimento do torcedor por meio de gestos, canções e o uso dos símbolos do clube, isto é, a forma como as torcidas se manifestam, denomina-se violência simbólica (Toledo, 1996). Este tipo de violência tem a finalidade de enaltecer o time para o qual se torce e desqualificar e desestabilizar a equipe e as torcidas rivais.

Torcer é, também, envolver-se de corpo e alma no drama do seu time e isto implica em externar as emoções mais profundas. Para isto, há uma autorização para se comportar de uma maneira que não seria aprovada na vida cotidiana. É pelo futebol que brancos, negros, mulatos e mestiços, pobres e ricos unem-se em torno de um único objetivo, torcer e levar o seu time a vitória. É, também, pelas conquistas e derrotas de seu time que o homem chora, sem nenhuma vergonha.

Por este motivo, o ato torcer por um time causou tanto espanto quando o futebol foi introduzido no Brasil, na virada do século XIX, pois alguns intelectuais da época viam o jogo, de acordo com relato de Damatta, “como um evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, se comportavam deixando de lado os velhos pudores e a necessária compostura” (DaMatta, 1994: 12).

A partir destas referências que serão analisadas as informações coletadas sobre os três grandes clubes de futebol existentes na cidade de São Paulo – o *Sport Club Corinthians Paulista*, o São Paulo Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras – o que permitirá identificar os elementos da realidade que estão presentes na construção de suas identidades e como se constituiu a rivalidades entre os seus torcedores.

2. São Paulo: um espaço urbano em transformação

Entre os anos de 1870 e as duas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo passa por profundas transformações. De uma cidade com pouco mais de 30.000 habitantes, de acordo com o censo de 1872, chega a 579.000 habitantes em 1920. Apresenta, portanto, um crescimento de 1.830%, enquanto, no mesmo período, a população brasileira cresceu 209%.

Esta diferença de percentuais pode ser tomada como um indicador das mudanças que ocorrem na cidade de São Paulo, que de uma cidade utilizada e considerada apenas como passagem para o litoral transforma-se rapidamente em um centro industrial que conta, em 1908, com mais de 100.000 operários trabalhando nos estabelecimentos industriais, que ali se instalaram. As mudanças que ocorreram neste período a consolidaram como o mais importante centro comercial e financeiro do Estado e a projetam no cenário político e econômico brasileiro.

Além disso, está-se falando de uma época que se convencionou chamar de *belle époque*, cujo maior ícone era a admiração das coisas que vinham da Europa, tida como mais civilizada. É importante lembrar que civilização, entretanto, era sinônimo de França e Inglaterra ou como explica Silva, “o que se queria esquecer era a filiação com Portugal, pois foi dali que herdamos o atraso e o mau gosto” (Silva, 2005, 33). Era desses lugares que vinham as coisas dignas de admiração, os bons produtos e os bons comportamentos, consideradas como referências que irão orientar as transformações que ocorreram na cidade de São Paulo, tanto nos aspectos urbanos como nos comportamentais.

É neste período, também, que se encontra a origem do mito do Brasil-cadinho, que relata a epopéia das três raças que se fundem nos laboratórios das selvas tropicais. O desenvolvimento desta idéia, a partir dos anos de 1930, permitirá a valorização do mestiço na composição social do país e explicará o Brasil como produto da mestiçagem de três raças²: a branca, a negra e a indígena (Ortiz, 1994). No que diz respeito ao futebol é esta característica nacional que se tornará o elemento central para explicar a diferença entre o estilo de jogo brasileiro e o europeu.

² Sobre este assunto ver: DAMATTA, R. *Relativizando*, Rio de Janeiro, Rocco: 1987.

Do ponto de vista econômico, é a lavoura de café o elemento condutor das transformações que ocorreram na cidade, pois com o avanço da cultura do café, do Estado do Rio de Janeiro e da região do vale do Rio Paraíba, para o interior do Estado de São Paulo forma-se um grupo de fazendeiros que enriquecem e são conhecidos na história brasileira como os “barões do café” (Carona, 1974).

Esta elite de cafeicultores muda completamente a *status* político da cidade de São Paulo, pois após a proclamação da República, em 1889, este grupo, juntamente com um outro, do Estado de Minas Gerais, passam a ser os principais protagonistas da política brasileira até os anos de 1930, com seus representantes se alternando na Presidência da República. Este período é conhecido na história do Brasil, como da “política do café com leite”, em virtude de os paulistas serem produtores de café e de os mineiros serem produtores de gado.

Além disso, representantes dos fazendeiros paulistas assumiram o governo da cidade de São Paulo e comandaram um processo de modernização urbana em várias frentes. Há a construção de ferrovias, pela companhia inglesa *The São Paulo Railway Company Ltd*, ligando as regiões produtoras de café ao litoral. A cidade de São Paulo torna-se o ponto de entroncamento desta malha ferroviária. Com o crescimento da população ocorre, também, a implantação de linhas de bonde, pela mesma companhia inglesa, em conjunto com a *Light and Power Co. Ltd*, para fazer a ligação entre centro da cidade e os diversos bairros que se formaram para abrigar os novos contingentes populacionais.

Contribui, também, para a transformação da cidade, a decisão dos “Barões do Café” de fixarem suas residências na cidade de São Paulo. Inicialmente nos aristocráticos bairros de Higienópolis e de Campos Elíseos e, posteriormente, na Avenida Paulista, uma moderna via urbana, inaugurada em 1891, onde foram construídos os novos e luxuosos palacetes e torna-se o novo endereço da aristocracia rural na capital do Estado e da elite industrial em formação.

Durante a gestão do Prefeito Antônio Prado, 1898 a 1908, a cidade modifica-se profundamente, pois várias ruas são pavimentadas e arborizadas, ocorre a inauguração da Pinacoteca do Estado e da Estação da Luz, ponto de ligação ferroviária entre o interior, e o litoral. Inicia-se a construção do Teatro Municipal. Todas estas alterações são complementadas durante a gestão do Prefeito Raymundo da Silva Duprat, que contrata o arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard para emitir parecer sobre os vários projetos de remodelação do centro da cidade de São Paulo. O resultado é um projeto urbanístico conhecido com “Plano *Bouvard*” que orienta a implantação de grandes jardins públicos como a Praça Buenos Aires, no aristocrático Bairro de Higienópolis, a reurbanização o Vale do Anhangabaú, a construção do *Belvedere* do Trianon, na Avenida Paulista, e a reurbanização da Várzea do Carmo – o atual Parque Dom Pedro II.

Para atender às exigências de consumo da elite que se desenvolvia na cidade, o triângulo formado pelas ruas Direita, São Bento e Da Imperatriz – atual 15 de Novembro – tornou-se o local considerado como a passarela da moda, pois concentrava as lojas mais elegantes, os cafés freqüentados pela intelectualidade, os salões de chás preferidos para os encontros, as grandes livrarias e os escritórios de advocacia.

Além disso, na Rua 15 de novembro encontravam-se as redações dos principais jornais da época como: O Estado de São Paulo, Diário Popular e o Correio Paulistano. Na Rua de São Bento ficavam os mais elegantes hotéis e as sedes dos principais bancos, como: Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, *British Bank of South América* e Banco de Santos, entre outros.

No entanto, além desta elite, a cidade aumentava a sua população com um grande número de trabalhadores atraídos pela crescente industrialização e pela ampliação do número de estabelecimentos comerciais. Boa parte destes trabalhadores era formada por imigrantes de várias nacionalidades, mas principalmente os de origem italiana, que numericamente

formavam a maioria. Além disso, com a libertação dos escravos, em 1889, parte desta mão-de-obra deixa as fazendas no interior do Estado e busca a cidade de São Paulo para se fixar.

Dos trabalhadores estrangeiros, contratados inicialmente para substituir os escravos nas lavouras de café, mas devido às condições de trabalho encontradas nas fazendas, que ainda eram administradas com uma mentalidade escravocrata, uma parte, especialmente os de origem italiana deixa a zona rural e se dirige para a cidade de São Paulo, para trabalharem como operários nas indústrias que se instalaram na cidade.

Fixam residência nas proximidades do nascente parque industrial que se formou em torno da malha ferroviária que cruza a cidade. Alguns nas proximidades das empresas da área têxtil e alimentícia localizadas na zona leste da cidade, em bairros como: o Brás, o Pari, a Mooca e o Ipiranga; outros perto das engarrafadoras de bebidas, curtumes e vidraria nos bairros da Água Branca, da Lapa, da Barra Funda e do Bom Retiro, na Zona Oeste da cidade.

Diferente da região nobre, estes bairros eram formados por ruas estreitas, sem calçamento e com grande adensamento populacional. Raramente possuíam saneamento básico e a população morava em casas geminadas ou em cortiços. A precariedade de serviços públicos e o alto custo de vida criam as condições para que este segmento da população se envolvesse em várias manifestações sociais, que eram fortemente reprimidos pela polícia. É interessante observar que estes movimentos sociais têm origem, na sua maioria, com os imigrantes italianos, considerados pelos historiadores como os introdutores das idéias socialistas e anarquistas, que marcaram com as suas manifestações a cidade de São Paulo nas primeiras três décadas do Século XX (Carone, 1972).

A existência de vários jornais operários com nome em italiano evidencia a origem destes movimentos sociais, como o *Echo Popular*, fundado em 1890, e tido como porta-voz do primeiro partido operário brasileiro e do jornal *Avanti* fundado pelo Partido Socialista Brasileiro. Apesar destas duas orientações ideológicas, os anarquistas tornam-se a principal

corrente do movimento operário brasileiro, cujo meio de comunicação oficial é o jornal *La Bataglia* (Carone, 1974).

É neste contexto que o futebol é introduzido, em 1894, em São Paulo: uma cidade em processo de transformação, que vai projetá-la inicialmente como um importante centro financeiro e comercial do Estado, mas que desencadeou um processo de industrialização que a transformou no principal centro econômico do país no decorrer do século XX. Os indícios desse processo já estavam presentes no final do século XIX e a cidade chega ao final da primeira década do século passado com uma força de trabalho estimada em 100.000 operários, sendo a sua maioria de origem italiana, responsáveis pela introdução das idéias anarquistas e socialistas no movimento sindical. Além disso, abriga uma elite de cafeicultores que protagonizou a política brasileira até os anos de 1930.

3. O Futebol na cidade de São Paulo e a origem da rivalidade entre os torcedores

Há várias versões sobre a introdução do futebol na cidade, alguns atribuem aos trabalhadores ingleses que construíram as ferrovias para transportar o café do interior para o porto localizado na cidade de Santos, no litoral paulista. No entanto, a mais citada (Rosenfeld 2007; Bruhns 2000) é o retorno, de Charles Miller, um brasileiro filho de ingleses, que após vários anos de estudo na Inglaterra volta à cidade de São Paulo e associa-se ao *São Paulo Athletic Club*, uma associação esportiva fundada pelos ingleses para que os altos funcionários das companhias daquele país, instaladas em São Paulo, pudessem jogar *cricket*. Ao associar-se a este clube Miller incentivou a formação de uma equipe de futebol, esporte que havia conhecido e praticado nos colégios onde estudou no país de origem de seus pais.

A partir deste evento o futebol se difunde na cidade e conquista adeptos em todas as camadas sociais. No entanto, é possível estabelecer algumas fases para compreender como este esporte se desenvolve no Brasil e, em particular, na cidade de São Paulo. A primeira vai

até os anos de 1910 e pode ser caracterizada como o período em que o esporte é praticado por algumas equipes formadas por estrangeiros e outras por membros da elite paulistana. A segunda é fixada entre 1910 e 1930, ainda como esporte amador, mas é marcada pela inclusão nos campeonatos de equipes formados por pessoas pertencentes a outras classes sociais. A terceira iniciou-se após 1930, quando ocorre a profissionalização dos jogadores de futebol.

3.1. A primeira fase: um esporte amador praticado pela elite

O futebol como um esporte coletivo requer outros competidores para que possa se expandir. Assim, além da equipe do *São Paulo Athletic Club*, surgem outros clubes como a Associação Atlética *Mackenzie College*, ligada a uma escola que seguindo a tradição do futebol inglês, cria uma equipe formada essencialmente por estudantes brasileiros. Em 1899, Hans Nobiling funda o *Sport Club Germânia*, que reunia os alemães residentes na cidade. No mesmo ano é fundado *Sport Club Internacional*, uma associação composta por jovens de diversas nacionalidades. Em 1900, surge o *Club Athletic Paulistano*, que congrega membros da elite tradicional paulista. Finalmente, em 1901, é formada a Liga Paulista de Futebol – LPF, que organiza o primeiro Campeonato Paulista no ano de 1902 (Carraveta 2006).

Dos quatro primeiros campeonatos participam apenas cinco equipes até que, em 1906, é incluída a Associação Atlética das Palmeiras, uma equipe composta por atletas residentes no aristocrático bairro de Higienópolis. Atribui-se a esta associação a construção, naquele mesmo ano, de um estádio com capacidade para 15.000 pessoas - o Estádio da Floresta - considerado como o primeiro estádio da cidade especialmente dedicado à prática do futebol, mas os jogos oficiais da LPF continuaram no Velódromo Paulista, localizado no Bairro da Consolação, nas cercanias do Bairro de Higienópolis.

Os times que disputaram os primeiros campeonatos tinham como ponto em comum o fato de serem formadas por atletas amadores e todos pertencentes à elite da cidade. Algumas

equipes eram formadas por estrangeiros que ocupavam altos cargos nas organizações em que trabalhavam e outras formadas por jovens brasileiros ligados à tradicional elite econômica e política, que como explica Rosenfeld, “são filhos de fazendeiros, que afluíam às cidades, para aí apanharem seus títulos de juristas” (Rosenfeld 2007: 77).

O primeiro Campeonato Paulista disputado, entre maio e outubro de 1902, chega ao final com dois clubes empatados. Como não havia critérios previstos para o caso de empate, a solução encontrada pela LPF foi a realização de um jogo desempate. Este jogo é disputado entre São Paulo *Athletic Club* e *Club Athletic* Paulistano. Com o resultado de 2x1 o São Paulo *Athletic Club* é declarado o primeiro campeão paulista. Este mesmo clube vence, também, os campeonatos de 1903 e 1904.

O fato de um clube formado por ingleses vencer por três anos consecutivos o Campeonato Paulista forma o embrião da primeira rivalidade entre os admiradores do futebol daquela época, pois em um campeonato com cinco clubes, três formados por jogadores estrangeiros e dois por jogadores brasileiros, criou-se a seguinte expectativa: quando os brasileiros serão capazes de vencer os estrangeiros?

Finalmente o *Club Athletic* Paulistano disputa a partida final do Campeonato Paulista contra o São Paulo *Athletic Club* e vence o torneio no ano de 1905. Para ilustrar a repercussão deste feito, Rosenfeld, comenta o artigo publicado, em 1905, no Jornal O Povo, da cidade de Caçapava – SP, assinado pelo polêmico e recém-formado Bacharel em Direito, Monteiro Lobato³: “Depois de um hino às excelentes qualidades educativas do futebol, no sentido físico e moral, que contribuiu imensamente para a superioridade das nações anglo-saxônicas, o autor

³ Monteiro Lobato é considerado um dos grandes escritores brasileiros, em especial na literatura infantil. Foi adido cultural brasileiro nos Estados Unidos, período no qual conhece e torna-se admirador da Linha de Montagem implantada na Ford Co. De volta ao Brasil, escreve um elogioso prefácio, para a edição brasileira, da biografia de Henry Ford lançada, em 1933, pela Editora Nacional. Sempre assumiu posições polêmicas na vida política brasileira.

expressa seu júbilo pelo fato de que a ‘raça neolatina’ conseguiu medir força com os ‘loiros filhos de Albion’ que viviam em São Paulo” (Rosenfeld 2007: 79).

É evidente que a oposição entre brasileiros X estrangeiros que se manifesta no campo esportivo, pode ser compreendida em um contexto mais amplo, pois o futebol é introduzido no país seis anos após a abolição da escravidão, em 1888, e cinco após a proclamação da república, em 1889. Isso permite inferir que este esporte ao conquistar a juventude intelectual da cidade criou as condições para a manifestação, como explica Rosenfeld, “das bases emocionais mais profundas de um nacionalismo inflamado pelo ‘complexo colonial’” (Rosenfeld 2007, 79).

Além disso, a elite intelectual brasileira da época buscava encontrar explicações que ajudassem a incorporar um novo elemento social: o negro que deixa de ser escravo e passa a ser um trabalhador livre. Neste movimento a mestiçagem brasileira deveria ser assumida em seus aspectos positivos. Para isso, o conceito de raça gradativamente é trocado pelo de cultura (Ortiz 1994).

Neste contexto, o futebol, um esporte de origem inglesa, é uma atividade que indubitavelmente promove os sentimentos básicos de identidade individual e coletiva. Isto permite compreender a rapidez com a qual se difunde em uma sociedade vincada por valores tradicionais, até porque a sua chegada ao país fazia parte, naqueles primeiros anos da vida republicana, de um movimento modernizador (Damatta, 1994).

Além disso, ao colocar em evidência as “excelentes qualidades educativas do futebol”, associa-se a prática desse esporte no Brasil à tradição inglesa que atribui aos esportes em geral, e ao futebol em particular, não só a função social de um divertimento ou um passatempo, mas também como um componente necessário, de acordo com Murray, “à construção do caráter e da liderança” (Murray, 2000, 24).

Apesar de nesta primeira fase o futebol ser organizado e praticado por pessoas ligadas à elite paulistana e os campeonatos eletrizarem os torcedores com a rivalidade construída em torno da oposição: brasileiros *versus* estrangeiros, este é um período que pode ser considerado como importante para a sua difusão entre os outros segmentos sociais, pois há o estímulo dos empresários para que sejam formadas equipes compostas pelos trabalhadores das suas fábricas e, além disso, surgem várias times que se enfrentam em campos improvisados nas várzeas dos rios que cortam a cidade (Antunes, 1994).

Com a consolidação de alguns times que surgiram nas fábricas e nos campos de várzea mudou-se a composição das equipes que disputam o Campeonato Paulista organizado pela LPF, pois há a inclusão, a partir de meados da década de 1910, de equipes formadas por jogadores de origem operária nos campeonatos organizados pela liga.

3.2. A segunda fase: novos personagens entram em cena

Até 1913 o Campeonato Paulista é disputado apenas pelos clubes que integraram a Liga Paulista de Futebol, todos com uma característica em comum: eram formados por representantes da elite paulistana. Assim, o São Paulo *Athletic Club* venceu quatro vezes; o *Club Athletic* Paulistano venceu três vezes, o *Sport Club* Internacional venceu uma vez e Associação Atlética das Palmeiras venceu duas vezes.

No entanto, neste mesmo ano há uma cisão na LPF, liderada pelo *Sport Club* Paulistano, que juntamente com outros clubes fundam a Associação Paulista de *Sports Athleticos* – APSA. Nos três anos seguintes há dois campeonatos concomitantes: um organizado pela LPF e outro pela APSA. Até que em 1917 as duas associações se fundem sob a denominação de Associação Paulista de *Sports Athleticos* – APSA, que é a antecessora da atual Federação Paulista de Futebol.

A formação das duas ligas é motivada pela solicitação de ingresso na LPF do *Sport Club Corinthians*, um uma associação formada por jogadores das classes populares, fundada em 1910, que se transforma em uma equipe competitiva e pretende jogar com as grandes equipes de futebol, pois de acordo com Araújo, por “não mais encontrar no futebol ‘varzeano’ equipes à sua altura” (Araújo, 1996, 8).

Alguns clubes defendem um rigoroso processo seletivo dos integrantes da LPF com a finalidade, de acordo com Araújo, “de impedir a atuação de indivíduos advindos das classes menos favorecidas da sociedade” (Araújo, 1996, 11). Para este mesmo autor, apesar de o *Club Athletic Paulistano* ter alegado outros motivos para fundar a APSA, é significativo que isto tenha ocorrido no mesmo ano em que uma equipe formada por operários solicitou o seu ingresso na LPF.

Em 1915, ocorreu outro fato significativo: a negação de filiação á APSA da *Società Palestra Italia*, uma associação fundada, em 1914, por operários de origem italiana, mas com a pretensão de conquistar torcedores entre a grande colônia italiana existente na cidade. É bom lembrar que, em 1908, de acordo com dados da Secretária de Planejamento de Prefeitura de São Paulo, havia cerca de 100.000 imigrantes italianos, ou seja, um terço da população total da cidade era formado por moradores desta nacionalidade ou por seus descendentes.

Este clube só foi aceito para disputar o campeonato de 1916, quando o *Sport Club Corinthians Paulista*, deixa a APSA para se filiar a LPF. No entanto, apesar das promessas da LPF o Corinthians acaba não disputando o campeonato de 1916 por nenhuma das duas ligas.

Estes dois episódios colocam em evidência o dilema enfrentado pela sociedade paulista: conviver no mesmo espaço com os diferentes, pois enquanto os campeonatos de futebol eram disputados por times formados por jogadores e torcedores da elite e era praticado pelas classes menos favorecidas, nos campos de várzea ou entre os operários das fábricas, havia uma clara separação dos espaços urbanos destinados a cada uma das categorias sociais.

O problema surgiu quando alguns clubes de origem operária pretendem disputar o mesmo campeonato e compartilhar o mesmo espaço, até então, reservado para os jogadores e torcedores da elite. Isto representava uma ameaça de invasão das arquibancadas pelas classes menos abastadas e pelos operários, para acompanharem os feitos dos seus representantes contra a elite local. A novidade que incomodava era a possibilidade de compartilhar com os seus empregados o mesmo espaço e, o que poderia ser ainda pior, perder para eles.

Para enfrentar este conflito, como explica Damatta “foi preciso que uma sociedade vinculada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente esta humilde atividade [...] que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e igualdade” (Damatta, 1994, 12).

Apesar do mal-estar provocado inicialmente, estes dois times são aceitos na APSA e se consolidam, juntamente com *Club Athletic Paulistano*, como os três grandes clubes da cidade. Até 1930, o *Club Athletic Paulistano* vence por onze vezes o Campeonato Paulista, o *Sport Club Corinthians Paulista* vence sete vezes e a *Società Palestra Italia*, vence quatro vezes.

Além destes acontecimentos, durante este período ocorrem modificações significativas no que diz respeito aos praticantes do futebol, pois as habilidades desenvolvidas pelos atletas dos campos de várzeas começam a ser reconhecidas e alguns desses jogadores passam a integrar as equipes dos clubes de elite que fazem parte da APSA. Este fato cria uma situação paradoxal, pois há a incorporação de atletas remunerados em um esporte que é oficialmente considerado amador. Este fato é descrito por Caldas da seguinte forma: “o grande público já não via apenas o jovem estudante universitário e grã-fino, praticando um esporte até então exclusivo de ricos. A esta figura (ainda sob veementes protestos) se junta o cidadão comum, sem privilégios econômicos e sociais” (Caldas, 1991, 15).

No final deste período, ocorre uma completa inversão na composição das grandes equipes, pois os times formados por jovens elegantes e ricos, mas sem pretensão de se profissionalizarem faziam o chamado “jogo aperitivo”. O jogo posterior era composto pelos melhores jogadores, que tinham interesse profissional no futebol, na sua maioria atletas formados nos campos de várzea e originários das camadas populares da sociedade (Bruhns, 2000).

Estes acontecimentos ampliam o debate sobre o amadorismo no futebol que termina com a profissionalização dos atletas a partir dos anos de 1930.

3.3. A terceira fase: o profissionalismo e os três grandes clubes da cidade

Com a profissionalização dos jogadores de futebol, os clubes formados pela elite paulistana se retiram da APSA e se dedicam apenas aos esportes amadores. Isto favorece o *Sport Club Corinthians Paulista* e a *Società Palestra Italia*, que se haviam se consolidado, até a década de 1930, entre as principais equipes de cidade, mas que dividirão a maior parte dos torcedores de futebol da cidade, com o São Paulo Futebol Clube, uma equipe criada, no final de 1930, com a incorporação das estruturas de dois clubes já consagrados: o *Club Athletic Paulistano* e a Associação Esportiva das Palmeiras.

Este clube, apesar de ser fundado em 1930 com o nome de São Paulo da Floresta, é herdeiro da tradição futebolística de dois times importantes, o que explica o fato de ser vencedor do primeiro campeonato que disputou em 1931. Mas apesar do bom desempenho em campo, é um clube com problemas de natureza administrativa e, em função disso, passa por uma série de dificuldades financeiras, o que provocou a sua incorporação pelo Clube de Regatas Tietê que, logo em seguida, toma a decisão de deixar de atuar no futebol.

No entanto, o mesmo grupo de dirigente funda, em 1935, um novo clube denominado São Paulo Futebol Clube. Desse modo, o *Sport Club Corinthians Paulista*, a *Società Palestra*

*Italia*⁴, que troca o seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras e o São Paulo Futebol Clube tornam-se as três grandes forças do futebol na Cidade de São Paulo, a partir da década de 30 do século passado até os dias atuais.

O São Paulo Futebol Clube, herdeiro da estrutura de dois clubes tradicionais atraindo, também, como torcedores os admiradores de futebol que antes torciam pelos clubes formados pela elite paulista, mas que deixaram de atuar no futebol após a profissionalização. Com este movimento, os torcedores dos times rivais percebem os torcedores deste clube como integrantes da elite paulista.

A Sociedade Esportiva Palmeiras, que surge, em 1914, com o nome de *Società Palestra Italia*, se posiciona como representante dos italianos, e conquistou admiradores entre os imigrantes italianos e seus descendentes, que representavam cerca de um terço da população total da cidade de São Paulo. A vinculação entre este clube e a comunidade italiana fica evidente quando se pesquisa a sua história, pois se encontra, em todas as versões, referências à convocação da assembleia para a sua fundação publicada na língua italiana, em 19 de agosto de 1914, no jornal *Fanfulla*, o periódico de maior circulação, naquela época, entre os imigrantes italianos radicados na cidade (Araújo, 1996).

O *Sport Club Corinthians Paulista*, fundado em 1910, como um clube de operários⁵, sem vinculação com qualquer nacionalidade, é identificado como um time popular, ou do “povão” como se autodefine (Negreiros, 1992).

Com isso, encontram-se as características distintivas que serão utilizadas para compor as identidades dos três grandes clubes que estão presentes, até os dias atuais, no futebol

⁴ A troca do nome ocorre após a edição do Decreto-Lei número 383, de 18 de 1938, que proíbe aos estrangeiros manterem atividades políticas no Brasil. É-lhes vedado especialmente: “organizar, criar, ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer atividade de caráter político entre seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos de seus países de origem”.

⁵ Há algumas versões que indicam que na época de sua fundação o *Sport Club Corinthians Paulista*, contava com jogadores de várias nacionalidades, inclusive italianos. Além disso, teria recebido um forte apoio da comunidade espanhola radicada em São Paulo. No entanto, ele não se posiciona como representante de nenhuma etnia. Sobre este assunto ver: NEGREIROS, P.

praticado na cidade de São Paulo. A distinção entre “elite”, “povão” e “italianos”, se constituem em elementos que permitem aos admiradores do futebol identificar-se com um dos três times e tornar-se seu torcedor. São também, organizados em três pares de oposição: elite *versus* italiano; povão *versus* elite; italiano *versus* povão, que são utilizados como componente da violência simbólica, presentes nos espetáculos futebolísticos, para expressar a rivalidade entre os torcedores desses clubes.

4. Identidade e espaço urbano

O espaço urbano da cidade de São Paulo, apesar da sua complexidade e do seu tamanho, não se caracteriza pela homogeneidade, ao contrário, as diferentes áreas urbanas são percebidas e recebem atributos cuja origem encontra-se nas características que marcaram o seu surgimento.

Deste modo, a história de formação dos espaços urbanos escolhidos por estes três clubes para se instalarem, além de reafirmar as suas identidades, representa não só a trajetória particular destes clubes, mas também, uma etapa do desenvolvimento de uma cidade que se transformou no maior centro urbano do país, mas que nesse processo deixou marcas, que refletem a estrutura de uma sociedade hierarquizada e construída em torno de acentuadas desigualdades sociais.

Dos três grandes clubes da cidade, o mais antigo é o *Sport Club Corinthians Paulista*, que surge como associação esportiva e cultural no bairro do Bom Retiro e se posiciona inicialmente como um clube de bairro, havendo inclusive, por parte de alguns dos seus fundadores, uma forte resistência em filiar-se a APSA, pois isto poderia descaracterizá-lo como clube representativo do bairro onde nasceu (Negreiros, 1992).

J. L. C. *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916)*. São Paulo, PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 1992.

No entanto, apesar dessa resistência inicial, com o seu crescimento e a sua consolidação como um grande clube, deixa o bairro do Bom Retiro e se instala na Zona Leste da cidade, região que surge e se desenvolve a partir das vilas de operários que se formaram em torno das fábricas que se instalaram ao longo das ferrovias que cortavam a cidade no começo do século passado. Para isso, na década de 1920, adquire o estádio utilizado pelo Clube Sírio, no bairro do Tatuapé que, após passar por uma reforma, é inaugurado, em 1928, com nome de Estádio Alfredo Schürig, com capacidade para 18.000 pessoas.

É interessante observar, que devido à sua modesta capacidade, este estádio não é utilizado para os jogos da equipe principal. Com esta situação, este clube é o único, entre os três grandes da cidade, que não possui um estádio com capacidade para realizar os jogos oficiais do seu time principal, apesar de ser o que possui a maior torcida na cidade de São Paulo e, também, a segunda maior no Brasil, de acordo com pesquisa realizada pelo IBOPE (2003).

Já a Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1920, poucos anos após a sua fundação, adquire uma área de 112 mil metros quadrados, que pertencia à Cia. Antártica Paulista, no Bairro da Água Branca, na Zona Oeste da cidade. No local havia um estádio utilizado pelo *Sport Club Germânia* (Helena JR., 1996), que é reformado e, em 1933, é inaugurado com capacidade ampliada para 32.000 pessoas. Atualmente, encontra-se, em fase de projeto, a sua transformação em uma arena multiuso que aumentará a sua capacidade para 40.000, além de duzentos camarotes.

Com o desenvolvimento da cidade, nesta região formam-se os bairros de Vila Pompéia, Vila Romana e Vila Siciliana, o que sugere ter sido originalmente uma área de

moradia de imigrantes de origem italiana, que trabalhavam nas vidrarias, curtumes e em uma das fábricas das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo⁶ existente nas proximidades.

O último dos três grandes clubes da cidade, o São Paulo Futebol Clube, com data de fundação oficial em 1935, utilizava inicialmente, para as suas atividades de treinamento, um estádio no Bairro do Canindé, às margens do Rio Tietê, mas na década de 1950, adquire um terreno no Morumbi, zona sul da cidade e inicia a construção de um estádio, com capacidade para 150.000 pessoas, que é inaugurado oficialmente em 25 de janeiro de 1970. Atualmente o estádio passa por uma reforma que transformará todo o anel térreo em um espaço com camarotes, bar temático, loja para venda de produtos com a marca do clube, livraria, *bufet* infantil, além da redução da capacidade de público para cerca de 70.000. A finalidade desta reforma é caracterizá-lo como uma arena multiuso.

Na época em que o clube adquiriu o terreno para construção do estádio, o bairro do Morumbi era uma região pouco habitada. No entanto, com o crescimento da cidade, se transformou em uma área de luxuosas residências e prédios que no jargão imobiliário são classificados como de alto-padrão.

Nota-se que estes três clubes se instalaram em regiões da cidade que, de alguma maneira, estabelecem algum vínculo com as identidades atribuídas a eles pelos torcedores de futebol. O *Sport Club Corinthians Paulista*, o time do povão, estabeleceu-se na zona leste da cidade, a Sociedade Esportiva Palmeiras, o time de italianos, instalou-se na zona oeste, que apesar de originalmente não concentrar o maior número de imigrantes italianos da cidade, fica cercado por bairros cujos nomes remetem a essa origem. Já o São Paulo Futebol escolhe o nobre bairro do Morumbi, que além das luxuosas residências, está localizado o Palácio dos Bandeirantes – a sede do Governo do Estado de São Paulo.

⁶ As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo se constituíam por um grupo empresas fundadas por um imigrante italiano entre o final do século XIX e início do XX, que se tornou em um dos maiores grupos empresariais do Brasil daquela época. Sobre este assunto ver: Marcovitch (2006).

Esta ocupação de locais diferentes na cidade de São Paulo, de alguma maneira, remete às identidades fundadoras desses três clubes. No entanto, há uma insistência da grande imprensa em definir as diferenças entre estas torcidas, com base no nível socioeconômico (Bruhns 2000). O *Sport Club Corinthians Paulista* e *Sociedade Esportiva Palmeiras*, assumem explicitamente as identidades de times do “povão” e dos descendentes de “italianos”, respectivamente. Os dirigentes do São Paulo Futebol Clube recorrem às origens do clube para explicar a razão pela qual é identificado como um clube da elite. Argumentam que a associação esportiva foi criada por estudantes universitários e profissionais liberais, portanto, uma elite cultural e não econômica. Esse entendimento confirma a identidade atribuída.

No entanto, a cidade continuou o seu processo de crescimento e, a partir da última metade do século passado, recebeu um grande contingente de migrantes de diversas regiões do país atraídos pela farta oferta de emprego nas indústrias que ali se instalaram. Com isso, se consolida como a maior metrópole brasileira, com uma população estimada de 10.800.000, e integrando uma região metropolitana formada por 39 municípios, com uma população total de 19.200.000 (IBGE, 2008).

Neste processo o seu espaço urbano torna-se extremamente heterogêneo com a presença de favelas encravadas nas regiões mais ricas da cidade e mesmo nas regiões, originalmente, de moradia das camadas populares surgem algumas áreas altamente valorizadas que são ocupadas pela classe média alta. Da mesma forma que a cidade se modifica, o perfil socioeconômico dos torcedores dos três times analisados, também, se modifica e torna-se bastante heterogêneo e com pouca relação com as identidades fundadoras, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Classificação Socioeconômica dos Torcedores de Futebol

	Corinthians	Palmeiras	SPFC	Outros	Total
Classe A	51%	24%	20%	5%	100%
Classe B	49%	25%	14%	12%	100%
Classe C	56%	17%	17%	23%	100%
Classe D	5%	12%	10%	11%	100%

Fonte: Adaptado IBOPE (2003).

Assim, os dados relativos à classificação socioeconômica dos torcedores dos três clubes mostram que as suas torcidas não apresentam características que permitem associá-las, às identidades atribuídas aos clubes, pois o São Paulo Futebol Clube - identificado como um time de elite - apresenta os menores percentuais de torcedores entre as classes A e B; o *Sport Club Corinthians Paulista* – o time do time do povão – apresenta o maior percentual de torcedores das classes A e B; a Sociedade Esportiva Palmeiras - cuja identidade remete à colônia italiana - conta com o segundo maior percentual de torcedores pertencentes às classes A e B.

Isso permite dizer que a identidade dos três clubes é formada, no imaginário dos torcedores, por fragmentos da história de criação de cada uma das associações esportivas, que são reafirmados pelos seus dirigentes. Esta explicação é assumida pela mídia, que a partir do momento que esse esporte passar a ser notícia se encarrega da sua difusão para as gerações futuras. Deste modo, os veículos de comunicação tornam-se aliados importantes não só para a consolidação do futebol no Brasil, mas também para a difusão da história e, conseqüentemente para a constituição das identidades de cada um dos grandes clubes da cidade.

Conclusão

Partindo-se do pressuposto de que os esportes em geral e o futebol em particular é um fenômeno que se desenvolve em uma sociedade urbana e industrial e tomando-se como objeto de estudo os três grandes clubes de futebol existentes na cidade de São Paulo, procurou-se demonstrar que as identidades desses três clubes se constituíram podem ser entendidas como reflexo da estrutura social da cidade, na época em que foram criados.

Para isso, demonstrou-se que a cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o XX, passou por um profundo processo de transformação que a projetou como o principal centro econômico, financeiro e industrial do país. É exatamente neste contexto que o futebol é introduzido na cidade, em 1894.

Inicialmente, com clubes e atletas pertencentes à elite local, mas simultaneamente é praticado por operários, nos campos localizados nas várzeas dos rios que cortam a cidade. Com a profissionalização dos atletas os times formados pelos atletas da elite deixam de atuar com este esporte. É nessa ocasião que se consolidam como as três grandes forças do futebol paulistano: o *Sport Club Corinthians Paulista* é identificado como “do povão”; a Sociedade Esportiva Palmeiras como dos italianos e seus descendentes; e o São Paulo Futebol Clube como da elite.

Estes clubes se instalam em regiões da cidade, que de alguma forma contribuem para reafirmar as suas identidades. No entanto, a composição atual das suas torcidas atuais mostram que o clube identificado como do “povão” – o *Sport Club Corinthians Paulista* – é o que concentra o maior percentual de torcedores pertencentes às classes A e B; o identificado como da elite – o São Paulo Futebol Clube – é o que concentra o menor número de torcedores dessas duas classes e a Sociedade Esportiva Palmeiras, cuja identidade esta associada à comunidade italiana, é o que concentra o segundo maior percentual de torcedores pertencentes às classes A e B.

Com isso, fica evidente que os dois clubes, que arregimentaram os trabalhadores das indústrias paulistas no momento de sua fundação, possuem na atualidade os maiores percentuais de torcedores pertencentes às classes A e B. Já o clube que formou atraindo os torcedores da elite econômica da cidade é o que possui a torcida com os menores percentuais destas classes.

Esta constatação permitiu concluir que a rivalidades entre os torcedores dos três clubes estudados se constituíram a partir da identidade fundadora, mas foram transmitidas para as novas gerações por fragmentos da história de cada uma das três associações esportivas, com os meios de comunicação tendo papel importante nesse processo.

No entanto, as transformações que ocorreram na composição das torcidas dos clubes pesquisados criaram as condições para o aparecimento de organizações de torcedores, que são conhecidas como “torcidas organizadas” as quais são vistas como responsáveis pela violência que ocorre entre torcedores desses clubes que, com frequência, ultrapassa os limites da violência simbólica que caracterizam a rivalidade entre os torcedores de futebol. Trata-se de um assunto que extrapola os objetivos estabelecidos para este trabalho e que necessita de outras pesquisas para ampliar o conhecimento sobre ele.

Bibliografia

ANTUNES, F. M. R. F. 1994. O futebol nas fábricas. In: *Dossiê 22 Futebol*. Revista USP. nº 22, p. 102-109. jun/ago.

ARAÚJO, J. R. C. 1996. *Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália*. Campinas. Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1996.

BRUHNS, H. T. 2000. *Futebol, carnaval e capoeira*. Campinas, Papirus.

CALDAS, W. 1988. *Pontapé inicial: contribuição à memória do futebol (1884-1933)*. São Paulo. USP. Tese de Livre Docência.

CARONE, E. 1972. *A República Velha – Instituições e Classes Sociais*. São Paulo, Difusão Européia de Livros.

_____. 1974. *A República Velha – Evolução Política*. São Paulo, DIFEL.

CÉSAR, B. T. 1981. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*. Campinas. Unicamp. Dissertação de Mestrado.

COSTA, A. S. 2005. Do futebol a uma imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, M.; NEVES, L. C. (org.) *Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro, UFRJ.

DAMATTA, R. 1994. Antropologia do Óbvio. In: *Dossiê 22 Futebol*. Revista USP. nº 22, p. 10-17. jun/ago.

_____. 1987. *Relativizando*. Rio de Janeiro. Rocco.

_____. 1984. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco.

FRANCO JR. H. *Os Bambas da Bola*. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, p. 8, 07.12.2008.

HELENA JR. A. 1996. *Palmeiras: a eterna academia*. São Paulo, DBA.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em < www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1 >, acesso em 08.12.2008.

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa. *Pesquisa de Opinião sobre Torcidas*. Disponível em < www.ibope.com.br > acesso em 08.12.2008.

LOVISARO, M.; NEVES, L. C. (org.). 2005. *Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro, UFRJ.

MARCOVITCH, J. 2006. *Empreendedores e Pioneiros*. São Paulo, EDUSP.

MORATO, M. P. A dinâmica da rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos. In: DAOLI, J. (Org.). 2005. *Futebol, cultura e Sociedade*. Campinas, Autores Associados.

MURAD, M. 2007. *A violência e o futebol*. Rio de Janeiro, FGV.

MURRAY, B. 2000. *Uma História do Futebol*. São Paulo, Hedra.

NEGREIROS, P. J. L. C. 1992. *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916)*. São Paulo, PUC-SP. Dissertação de Mestrado.

ORTIZ, R. 1994. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense.

PRONI, M. W. 2000. *A metamorfose do Futebol*. Campinas, Unicamp.

REIS, H. H. B. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In: DAOLI, J. (Org.). 2005. *Futebol, cultura e Sociedade*. Campinas, Autores Associados.

ROSENFELD, A. 2007. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, Perspectiva.

SILVA, R. S. *A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama*. In: DAOLI, J. (Org.). 2005. *Futebol, cultura e Sociedade*. Campinas, Autores Associados.

SEVCENKO, N. 1994. Futebol, metrópoles e desatinos. In: *Dossiê 22 Futebol*. Revista USP. nº 22, p. 30-37. jun/ago.

TOLEDO, L. H. 1994. *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*. In: *Dossiê 22 Futebol*. Revista USP. nº 22, p. 92-101. jun/ago.